



Redes sociais na internet: desafios à pesquisa¹

Sonia Aguiar²

Universidade Federal Fluminense

Resumo

A expressão “redes sociais na internet” vem sendo utilizada para designar sites que oferecem ferramentas e serviços de comunicação e interação centrados em um padrão egocentrado de relacionamentos. Alguns potenciam redes interpessoais preexistentes através da comunicação mediada por computador. Outros propiciam a produção narcísica de perfis sem vínculos obrigatórios com a realidade e estimulam a competição pelo aumento compulsivo da rede de contatos, incluindo “estranhos”. Nesses sites (SNSes na sigla em inglês) os nós da rede são usuários e consumidores, contrapondo-se às redes sociais cidadãs, que pressupõem valores de coletividade, cooperação, solidariedade e compartilhamento. Representam, assim, um desafio para as tradicionais análises de redes sociais e para as emergentes abordagens da Ciberantropologia.

Palavras-chave

redes sociais; análise de redes; ciberantropologia; sites de redes sociais; fluxos de informação;

A expressão “redes sociais na internet” vem sendo utilizada, tanto na mídia quanto em estudos acadêmicos, para se referir indistintamente a tipos de relações sociais e de sociabilidade virtuais que se diferenciam em dinâmicas e propósitos. De um lado, há uma ampla variedade de “comunidades virtuais” e os chamados sites de redes sociais (Social Network Sites – SNSes, em inglês), cuja existência e desenvolvimento são contingenciados pelo ambiente tecnológico em que são construídos. De outro, inúmeras experiências de redes sociais constituídas nas práticas cotidianas e nas lutas sociopolíticas do “mundo real”, que utilizam a Internet como um ambiente de interação e/ou um espaço público complementar.

Por sua complexidade e abrangência, com vínculos que não se delimitam às fronteiras geográficas e culturais (etnias, religião, idioma, gênero etc), essas novas formas relacionais e suas diferentes possibilidades de apropriação das tecnologias de informação e comunicação (TICs) representam um desafio teórico e metodológico para as tradicionais técnicas de Análise das Redes Sociais (ARS ou SNA – Social Network

¹ Trabalho apresentado no VII Encontro dos Núcleos de Pesquisa em Comunicação – NP Tecnologias da Informação e da Comunicação

² Doutora em Comunicação/ Ciência da Informação, professora de Jornalismo da UFF – Universidade Federal Fluminense (aposentada), pesquisadora-associada do Núcleo de Pesquisa, Estudos e Formação da Rede de Informações para o Terceiro Setor (Nupef-Rits - www.nupef.org.br). Email: soniaguiair@terra.com.br



Analysis) e para a emergente Ciberantropologia. Este artigo discute alguns caminhos possíveis nesse campo, procurando diferenciar os padrões estruturados de interação entre indivíduos nos sites de “redes sociais”, fomentados por motivações comerciais, das articulações e agenciamentos das redes sociais de ONGs e movimentos sociais pautadas por orientações sociopolíticas.

Da análise de redes sociais à etnografia digital

Conceitos de “redes” têm sido formulados em diferentes disciplinas a partir de metáforas que remetem a inter-relações, associações encadeadas, interações, vínculos não-hierarquizados, todos envolvendo relações de comunicação e/ou intercâmbio de informação e trocas culturais ou interculturais. Os diversos padrões de formação de redes de indivíduos e grupos sociais começaram a ser estudados a partir da década de 1940, sobretudo por sociólogos, antropólogos e psicólogos sociais dos EUA, Inglaterra e Alemanha (BARNES, 1972; ROGERS e KINCAID, 1981; SCOTT, 1992; apud AGUIAR, 2002), que utilizaram diferentes metáforas (malha, trama, árvore, teia) para descrever os padrões de conexão e de fluxo de informações entre os nós, até chegar à complexidade de um rizoma (DELEUZE e GUATTARI, 1996, apud AGUIAR, 2002).

No Brasil, as redes sociais passaram a despertar interesse acadêmico nos anos 1990, na esteira das pesquisas sobre as novas formas associativas e organizativas que emergiram dos processos de resistência à ditadura militar, de redemocratização do país, de globalização da economia e de proposição do desenvolvimento sustentável. No entanto, o ferramental teórico-metodológico da ARS – marcadamente estruturalista, funcionalista e egocentrado – não tem dado conta de captar a dinâmica desses movimentos, cada vez mais articulados em redes cujos nós, na maioria das vezes, não são indivíduos, mas “representações” de um coletivo (AGUIAR, 2006, 2007).

Redes sociais são, antes de tudo, relações entre pessoas, estejam elas interagindo em causa própria, em defesa de outrem ou em nome de uma organização, mediadas ou não por sistemas informatizados; são métodos de interação que sempre visam algum tipo de mudança concreta na vida das pessoas, no coletivo e/ou nas organizações participantes. As interações de indivíduos em suas relações cotidianas – familiares, comunitárias, em círculos de amizades, trabalho, estudo, militância etc – caracterizam as redes sociais informais, que surgem espontaneamente, sob as demandas das subjetividades, das necessidades e das identidades. Mas redes sociais também podem ser constituídas de forma intencional, como indica o verbo *to network* (de difícil tradução para o



português³). Ou seja, podem ser fomentadas por indivíduos ou grupos com poder de liderança, que articulam pessoas em torno de interesses, projetos e/ou objetivos comuns. Os participantes deste tipo de rede podem se articular tanto como indivíduos quanto como atores sociais – neste caso representando (ou atuando em nome de) associações, movimentos, comunidades, empresas etc. Redes sociais plurais (ou multimodais) são formadas por indivíduos e atores sociais; redes organizacionais ou interorganizacionais são aquelas em que os participantes atuam apenas institucionalmente.

Uma estrutura em rede – que é uma alternativa à estrutura piramidal – corresponde também ao que seu próprio nome indica: seus integrantes se ligam horizontalmente a todos os demais, diretamente ou através dos que os cercam. O conjunto resultante é como uma malha de múltiplos fios, que pode se espalhar indefinidamente para todos os lados, sem que nenhum dos seus nós possa ser considerado principal ou central, nem representante dos demais. Não há um “chefe”, o que há é uma vontade coletiva de realizar determinado objetivo. (WHITAKER, 1993)

“Vontade coletiva” e “ação coletiva” são conceitos-chave na diferenciação de redes sociais cooperativas, colaborativas ou solidárias de formas relacionais centradas nos interesses e atributos individuais, que influenciaram significativamente a trajetória da Análise de Redes Sociais (ver SOUZA e QUANDT, 2008). Apoiada em variadas ferramentas de software, a ARS configurou-se como uma metodologia de forte base matemática, preocupada fundamentalmente em produzir representações gráficas (pontos conectados por linhas e/ou setas) ou sociomatrizes de estruturas relacionais, a partir de dados quantitativos coletados mediante técnicas diversas (entrevistas presenciais ou por telefone; questionários estruturados; observação de comportamentos em grupo; análise de conteúdos de documentos etc). Atualmente, porém, vem ampliando seus métodos de observação da estrutura e da dinâmica da rede, a partir do mapeamento das ligações entre os nós e dos tipos de interação em contexto sociohistóricos delimitados.

As técnicas de análise de redes sociais utilizam “dados relacionais” e “dados de atributos”. Os primeiros dizem respeito aos tipos de contatos, vínculos, conexões, ligações de sujeitos, agentes e grupos. Já os atributos são referentes a propriedades, qualidades ou características de indivíduos ou grupos (gênero, renda, ocupação, instrução etc), bem como a suas atitudes, opiniões e observações. Um terceiro tipo de dados ainda pouco explorado nessas pesquisas é aquele relativo ao mundo das idéias, que descreve significados, motivos, definições e tipificações das ações em rede.

³ O mais próximo é “enredar”, que tem as conotações negativas de “prender na rede”, “emaranhar”, “intrigar”.



Pesquisas mais recentes, desenvolvidas sobretudo na Espanha e na América Latina⁴, vêm apontando novas possibilidades de observação das redes sociais a partir dos seus “conjuntos de ações” e do seu processo de desenvolvimento num dado contexto sociohistórico. Tentam, assim, dar conta dos processos de “enredamento”, das características qualitativas que diferenciam os vínculos, e dos fatores que influenciam a dinâmica da rede ao longo do tempo.

É nesse sentido que podem ser de grande valia as contribuições da Ciberantropologia, uma subárea da Antropologia Cultural que vem dedicando especial atenção ao ciberespaço como um “campo”, isto é, como um “espaço” interativo de relações socioculturais gerado pela comunicação mediada por computador (CMC), pelo ambiente digital da Internet e pelas tecnologias de informação e comunicação (TICs). Em sentido amplo, esse campo compreende todos os grupos e movimentos que se organizam online e as respectivas questões sociais, econômicas e jurídicas decorrentes de suas ações. Mas não se trata de pensar a Internet como uma imagem simbólica ou um simulacro das redes sociais que se produzem no mundo real, nem de abordar separadamente redes reais e redes virtuais, e sim de observá-las como um amplo e complexo conjunto de relações formado na interseção de ambas, ou seja, uma rede social transfronteiras onde ocorre um inédito contato intercultural generalizado (LÓPEZ MARTÍNEZ, 2000; TÉLLEZ FERNÁNDEZ, 2002).

A etnografia digital ou online, que compreende a observação dos sujeitos em seu processo de construção de percepções e comportamentos na relação social em rede, vem se constituindo em uma ferramenta adequada para obter informações que dependem dessa contextualidade. Atualmente, as redes sociais em ambientes digitais são cada vez mais amplas, complexas e estruturadas, e muitas percepções e comportamentos são formatados preferencialmente ou apenas nesse contexto. Além disso, não se pode ignorar as alterações discursivas que o transporte da comunicação para o meio digital provoca entre os mesmos emissores e receptores, já que “o resultado gerado é um conjunto de relações que dependem tanto das redes reais quanto das virtuais” (LÓPEZ MARTÍNEZ, 2000; TÉLLEZ FERNÁNDEZ, 2002).

Souza e Quandt (2008, p.43-45) chamam a atenção para o “imbricamento estrutural”, que descreve de que forma os agentes (ou grupos) estão envolvidos em várias redes simultaneamente. Os limites (fronteiras) das relações de enredamento a serem

⁴ Ver, principalmente, os trabalhos de Tomás Rodríguez Villasante e Elinora Nora Dabas.



observadas podem ser definidos *a priori* na pesquisa, ou estabelecidos ao longo do seu desenvolvimento, a partir do acompanhamento da trajetória de um nó ou grupo na rede. “A chamada abordagem realista toma como base, para definição das fronteiras, a percepção dos próprios atores da rede. (...) Na abordagem nominalista, a definição das fronteiras acontece com base nos interesses do pesquisador e na base teórica que fundamenta o estudo.”

Metáforas, estruturas e dinâmicas das redes sociais

Uma questão fundamental na análise de redes é o seu grau de centralidade ou de horizontalidade, isto é, a forma como a informação flui entre os nós e os graus de intercomunicação ou interações entre eles, que têm sido comumente representados por meio de quatro metáforas.

A **árvore** é o modelo no qual a informação parte de uma “raiz” e se difunde ou dissemina através de “ramos” ou ramais, isto é, um processo comunicativo que se ramifica até um certo limite (se for “podado”) ou pode se desdobrar indefinidamente, com a agregação de novos integrantes. É uma concepção antiga de rede de comunicação, na qual foram baseados, inicialmente, os sistemas distribuídos de computadores. É também o modelo de redes de telerrádiodifusão (*broadcast*), em que a produção é centralizada e distribuída para emissoras “repetidoras” da programação. Segue o princípio da comunicação de um para muitos; pressupõe uma comunicação controlada, hierarquizada e muitas vezes unidirecional. É, portanto, um modelo que representa melhor sistemas de comunicação do que redes. Mas na Internet serve de base tanto para serviços de distribuição de informação personalizada, como o RSS e o podcast, quanto para mensagens não-solicitadas de email (*spams*).

Malha ou trama é a representação mais simples de rede, composta por ligações simétricas entre os “nós” (como numa rede de pesca), que pressupõem relações equidistantes de comunicação e fluxos regulares de informação; as mensagens fluem por “contágio”, de nó em nó (ou cadeias pessoa-a-pessoa), como na propagação de boatos (e de doenças) e na propaganda boca-em-boca. Por isso, sua dinâmica é imprevisível – tanto sobre como começou quanto como e quando vai parar. É tipicamente o modelo da comunicação viral, na concepção do pesquisador do MIT Andrew Lippman⁵. Pode ser observada trivialmente na disseminação de “correntes” sobre os mais diversos temas, nos serviços peer-to-peer, ou como tática para adesão a

⁵ Massachusetts Institute of Technology – Andrew Lippman: Viral Communications: <http://web.media.mit.edu/~lip/>.



determinadas causas (convocação para petições online e mobilização para atos públicos, por exemplo). É também o modelo que vem sendo reapropriado para a configuração de redes comunitárias utilizando tecnologias sem fio, em que cada computador é ao mesmo tempo receptor e transmissor (ou roteador) de uma conexão à Internet para o computador mais próximo, formando uma rede ponto-a-ponto.

A **teia** representa um padrão de relações que se desenvolvem radialmente, a partir de uma liderança, de uma coordenação, de um “facilitador” ou de um centro “irradiador” que distribui mensagens recebidas de qualquer nó para todos os nós da rede. Embora pressuponha uma relação horizontal, não hierárquica, entre os nós, não há comunicação direta entre eles; qualquer mensagem tem que ser enviada a um nó central (uma máquina ou uma pessoa), que a distribui para todos os demais (comunicação de todos para um, um para todos), mas não para um ou alguns nós específicos (comunicação seletiva). A teia pressupõe uma certa homogeneidade ou equivalência entre os participantes, em termos de conhecimentos, recursos, interesses e/ou objetivos compartilhados; é o modelo mais utilizado nas redes organizacionais e interorganizacionais (incluindo as de ONGs e movimentos sociais) e nas listas de discussão. Por terem um fim em comum bem delimitado (pela temática), seus integrantes tentam manter a dinâmica da rede sob controle, mas quanto maior for a participação no fluxo de informações (envio de mensagens, comentários, réplicas e trélicas), menor será o seu grau de previsibilidade. A teia corresponde também ao padrão egocentrado dos sites de redes sociais, em que “amigos” e “amigos de amigos” são adicionados a cada perfil ou página individual.

Rizoma é a metáfora que tenta dar conta de uma multiplicidade de relações assimétricas de comunicação, desencadeadas em vários pontos simultaneamente, e de fluxos acentrados e não-regulares de informação (no tempo e no espaço), nos quais não é possível identificar um ponto “gerador” único. Um rizoma caracteriza-se pela multidirecionalidade: o fluxo de informações pode partir de qualquer ponto, ou de vários, e qualquer pessoa pode enviar mensagens para quem quiser, ou para todos, simultaneamente; os papéis de emissor e receptor são intercambiáveis; e a circulação de informação por toda a rede independe de uma instância central. Caracteriza-se também pela heterogeneidade dos seus nós e vínculos: relações e sentidos são estabelecidos de modos muito diversos, e o rompimento de um ponto qualquer das cadeias de comunicação não compromete o reconhecimento do todo; rupturas, “linhas de fuga” e mecanismos de auto-reorganização são próprios da sua dinâmica. Um rizoma é



tipicamente a configuração das conexões interpessoais estabelecidas na vida cotidiana e via Internet. Ou seja, é a representação do padrão mais complexo de rede, de dinâmica imprevisível – ainda que com probabilidades analisáveis⁶.

Estrutura e dinâmica devem ser, portanto, indissociáveis na análise de redes sociais, tendo como base as propriedades dos vínculos (*ties*) estabelecidos entre os nós e os papéis que cada nó exerce nas inter-relações. A dinâmica da rede corresponde ao processo de desenvolvimento das relações espaço-temporais estabelecidas, e pode ser observada por quatro aspectos principais: o padrão do fluxo de informação entre os nós (correspondente às metáforas vistas anteriormente); o ritmo das interconexões e do fluxo de informação, que pode ser contínuo ou descontínuo, regular (periódico), sazonal ou eventual; os graus de participação dos integrantes da rede (frequência com que se comunicam e a qualidade do que comunicam); e os efeitos dessa participação nos demais membros e no desenvolvimento da rede como um todo.

A horizontalidade das interconexões e do fluxo de informações – enfatizada como a marca registrada da rede – não é condição suficiente para garantir a plena participação nem a efetiva democratização dos processos decisórios, que dependem também da qualidade dos vínculos estabelecidos entre os participantes e dos conteúdos mobilizadores que circulam pela rede. Nas redes não-mediadas por um nó “central”, a frequência e a direção do fluxo de informações e da intercomunicação são determinantes da sua dinâmica. Qualquer pessoa pode contatar certos indivíduos e ignorar muitos outros (sobretudo quando a rede é muito extensa); ou comunicar-se mais intensamente com uns do que com outros; ou seja, pode manter vínculos fortes ou fracos, recíprocos e não-recíprocos. Vínculos fortes podem ser intensos e/ou duradouros; mas vínculos “fracos” (eventuais e/ou informais) não significam, necessariamente, comunicação menos eficaz ou menos relevante⁷.

Nós ativos são aqueles que mais frequentemente tomam a iniciativa da comunicação ou que alimentam a rede de informações relevantes com maior frequência (direção de um

⁶ A noção de rizoma aqui utilizada é baseada em Gilles Deleuze e Félix Guattari (Introdução: rizoma. In: Mil platôs; capitalismo e esquizofrenia. Rio de Janeiro, Ed.34, 1995. vol. 1. p. 31-37.). Para eles, as metáforas de rede não são necessariamente excludentes: “No coração de uma árvore, no oco de uma raiz ou na axila de um galho, um novo rizoma pode se formar. (...) Ser rizomorfo é produzir hastes e filamentos que parecem raízes, ou, melhor ainda, que se conectam com elas penetrando no tronco, podendo fazê-las servir a novos e estranhos usos” (p. 25).

⁷ Estudo realizado pelo americano Mark Granovetter (*A força dos vínculos fracos*), sobre como as pessoas de uma comunidade encontravam trabalho, mostrou que contatos acidentais e informais resultaram em informação mais valiosa para o fim pretendido. Ou seja, os vínculos ocasionais com certos conhecidos “bem relacionados” revelaram-se informacionalmente mais ‘fortes’ no processo de busca de emprego do que os entre amigos próximos. Originalmente publicado em 1973, ganhou nova versão dez anos depois – *The strength of weak ties: a network theory revisited*: http://www.si.umich.edu/~rfrost/courses/SI110/readings/In_Out_and_Beyond/Granovetter.pdf.



para muitos); alguns deles podem se tornar **líderes de opinião**, capazes de influenciar as atitudes de indivíduos, de um grupo ou de todos os participantes da rede. **Nó focal** é aquele que recebe o maior fluxo de mensagens da rede, como é o caso do moderador, do coordenador ou do animador, e dos **especialistas** – pessoas reconhecidas como detentoras de certos conhecimentos e/ou experiências vitais para a dinâmica e os objetivos da rede; quando todos se reconhecem como especialistas (ou praticantes) no tema em questão, tem-se uma **rede sociotécnica**. Mas há também aqueles que mantêm um comportamento passivo na rede (**isolados**), acompanhando o fluxo de informações e discussões, mas raramente participando das ações comunicativas.

Pessoas que interagem entre si com maior frequência (vínculos recíprocos) do que com outros participantes da mesma rede formam subgrupos (cliques⁸ ou *clusters*⁹) em torno de interesses específicos que são compartilhados; um indivíduo ou uma organização pode fazer parte de mais de um clique dentro da mesma rede. Um indivíduo pode comunicar-se frequentemente sobre o mesmo assunto com diferentes pessoas (vínculos múltiplos) e eleger um nó preferencial para interagir sobre múltiplos conteúdos. Os vínculos entre os participantes de uma rede também podem ser estabelecidos indiretamente, através de indivíduos **ponte**, que atuam como elemento de ligação entre dois ou mais cliques, a partir da sua posição como membro de todos eles; ou que transita informação entre uma ou mais redes das quais participe, sejam online ou offline (por exemplo, uma pessoa que não tem e-mail pede a alguém para enviar um aviso aos demais participantes da rede).

Toda rede possui uma temática que serve de motivação e aglutinação de seus participantes, e que se desdobra em subtemas gerados por interesses específicos que vão surgindo ao longo do seu desenvolvimento. Mas esse desenvolvimento pode não ser simplesmente contínuo ou descontínuo, rápido ou lento, admitindo posições intermediárias de aceleração e desaceleração, em função de determinadas circunstâncias que animam, fragmentam ou estancam a intercomunicação. Os graus de participação dependem: do interesse dos integrantes na temática da rede e nos conteúdos nela veiculados; do fluxo de mensagens que estimulem a participação; das ações comunicativas que propiciam a interação dos nós; das barreiras e facilidades dos

⁸ Definido como “pequeno grupo de pessoas íntimas entre si, dotadas de intenso espírito grupal, com base em sentimentos e interesses comuns” (Dicionário Executivo Michaelis).

⁹ Termo derivado da computação que designa um aglomerado de computadores ligados em rede que se comunicam através do sistema como se fossem uma única máquina de grande porte; vem sendo muito utilizado nos estudos sobre redes inter-organizacionais para designar certos aglomerados de empresas dentro de uma rede de negócios.



participantes para lidar com os meios e recursos de interação (competências técnicas e lingüísticas, referenciais de mundo compartilhados etc). Ao contrário de um sistema, que tende a estabilidade quando a relação entre os seus elementos está sob controle, as redes sempre tendem a fluidez ou a uma dinâmica não-linear. Mesmo nas redes orientadas por objetivos pré-definidos institucionalmente, não há possibilidade de previsão nem garantia de controle de todas as interações que nela vão surgir.

As tecnologias de informação e comunicação continuamente atualizadas e reapropriadas no ambiente aberto e (ainda) pouco regulado da Internet têm exponenciado a complexidade das redes sociais, que não são obrigatoriamente evolutivas: ganham e perdem nós ao longo do seu percurso, assim como ocorrem mudanças qualitativas nos vínculos entre esses nós, sem que isso altere a sua identidade. Como uma roda de ciranda, a rede pode se deslocar no espaço (físico ou virtual), sem que as pessoas precisem se desconectar (basta que sigam juntas na mesma direção); e se reorganiza e se readapta a cada circunstância, sem que perca o seu propósito. Como observa Bauman:

Diferentemente de ‘relações’, ‘parentescos’, ‘parcerias’ e noções similares – que ressaltam o engajamento mútuo ao mesmo tempo em que silenciosamente excluem ou omitem o seu oposto, a falta de compromisso –, uma ‘rede’ serve de matriz tanto para conectar quanto para desconectar; não é possível imaginá-la sem as duas possibilidades. Na rede, elas são escolhas igualmente legítimas, gozam do mesmo status e têm importância idêntica. Não faz sentido perguntar qual dessas atividades complementares constitui ‘sua essência’! A palavra ‘rede’ sugere momentos nos quais ‘se está em contato’ intercalados por períodos de movimentação a esmo. Nela as conexões são estabelecidas e cortadas por escolha. A hipótese de um relacionamento ‘indesejável, mas impossível de romper’ é o que torna ‘relacionar-se’ a coisa mais traiçoeira que se possa imaginar. Mas uma ‘conexão indesejável’ é um paradoxo. As conexões podem ser rompidas, e o são, muito antes que se comece a detestá-las. (BAUMAN, 2004, p.12)

Redes sociais mediadas por computador

As experiências pioneiras de redes sociais online baseadas na cooperação, no intercâmbio de experiências e no compartilhamento de recursos (sobretudo software e informações especializadas) foram as comunidades de interesse temático formadas a partir das interações nos BBSes – Bulletin Board Systems¹⁰ e *newsgroups* da Usenet¹¹.

¹⁰ O BBS foi um sistema de comunicação via computador muito utilizado entre os anos 1970 e 90, através do qual pessoas trocavam mensagens, programas e textos informativos mediante uma conexão discada gerenciada por um programa específico. Muitos BBSes funcionaram gratuitamente durante longo tempo graças ao trabalho voluntário de SysOps (operadores de sistema), que exerciam papel semelhante ao dos moderadores de grupos de discussão.

¹¹ A Usenet (rede de usuários) foi concebida em 1979, na Duke University (EUA), como uma rede de computadores que compartilha mensagens e artigos postados em *newsgroups* (antecessores dos grupos de discussão), armazenados em diferentes instituições espalhadas pelo mundo e organizados tematicamente, de forma hierárquica. O modelo de comunicação é o de um para todos, dentro de cada grupo (ver <http://www.usenet.net/> e www.usenet.com).



Ambos propiciavam a interação entre estranhos anônimos, aproximados por interesses e necessidades afins. A lógica da generosidade e da “cultura” da dádiva fortalecia os vínculos entre os participantes mais ativos, que passavam a interagir também offline, em encontros presenciais periódicos (os chamados *Get Togethers*). Já os sites de relacionamentos autodenominados “redes sociais” fazem, de certa forma, o percurso inverso: criam uma plataforma informatizada inicialmente para encontro virtual de pessoas que se conhecem na vida real, que passam a interagir preferencialmente ou exclusivamente online. O ambiente é criado e desenvolvido por motivações comerciais, a partir de “tendências” de comportamento social e subculturas identificadas por pesquisas de mercado, ou seja, tendo como foco o indivíduo atomizado na condição de consumidor (atual ou potencial) e não de cidadão ou de *commons* (quem compartilha). Os primeiros desses sites foram lançados nos Estados Unidos em meados dos anos 1990, tendo como referência os vínculos diretos estabelecidos entre colegas de classe e de colégio¹², e as ligações indiretas entre “amigos de amigos” e “conhecidos”, sob a inspiração de duas pesquisas acadêmicas: o experimento sobre o “mundo pequeno” (*small world*), realizado em 1967 pelo sociólogo e psicólogo estadunidense Stanley Milgram, que gerou a idéia dos “seis graus de separação”; e o estudo de Mark Granovetter sobre a “força dos vínculos fracos” (sobretudo nos contatos profissionais). Uma nova geração desses sites emergiu a partir de 2002, com o lançamento do Friendster, baseado no modelo de “Círculo de Amigos” (desenvolvido pelo cientista da computação britânico Jonathan Bishop), no qual os usuários constroem um perfil público (ou semipúblico) a partir de dados estruturados em um formulário e o associam aos perfis de amigos, amigos de amigos e conhecidos com os quais possuem algum tipo de proximidade e de identidade na vida real, mediante uma rede de hiperlinks que conectam as páginas individuais. O Friendster alcançou uma inesperada audiência de massa (3,3 milhões de usuários) em menos de um ano, inicialmente apenas com propaganda espontânea de boca-em-boca entre técnicos do Vale do Silício, na região de São Francisco, e tribos urbanas de Nova York, sobretudo gays masculinos, a maioria entre 20 e 30 anos (BOYD, 2007a). Mas os servidores da rede computacional não agüentaram a demanda¹³, o que abriu espaço para novos serviços do gênero, lançados entre 2003 e 2005, como MySpace, Facebook e Orkut.

¹² O Classmates.com, criado em 1995, ultrapassou a marca de 40 milhões de membros ativos nos EUA e Canadá, em 2006, segundo a sua página institucional: <http://www.classmates.com/cmo/about>.

¹³ Segundo Boyd (2007a), em meados de 2004, os usuários de primeira hora (*early adopters*) abandonaram o serviço, dando lugar a uma nova geração de adolescentes de Singapura, Malásia e Filipinas.



Atualmente, há dezenas de sites que oferecem “serviços de redes sociais” cada qual buscando um “nicho de mercado” relacionado a algum tipo de subcultura (adolescentes, músicos, participantes de jogos baseados em avatares, entre outros), 15 dos quais concentram a audiência em todo o mundo, geoestrategicamente distribuídos¹⁴, sendo 25% dos acessos na América do Norte (EUA e Canadá). As conseqüências do uso desses sites para as relações de amizade e para as noções de identidade, privacidade, autenticidade, comunidade e sociabilidade estão apenas despontando. Nessa visão de mercado, a palavra “amigos” foi ganhando um sentido muito diferente das relações afetivas tradicionais, que pressupõem reciprocidade, confiança, intimidade, sinceridade, e sendo associada a uma competitividade antagônica ao espírito solidário das redes sociais da vida cotidiana e dos contextos sociopolíticos.

As facilidades de criação de uma identidade virtual nesses sites – com a inserção de dados que não passam por nenhum processo de validação além do endereço de email – possibilitam a montagem de diferentes *personas* e o estabelecimento de vínculos interpessoais não obrigatoriamente baseados nos relacionamentos pré-existentes. “Rede de amigos” inclui conhecidos eventuais ou mesmo “estranhos” (ainda que sejam celebridades¹⁵), visando capitalizar para o indivíduo o *status* e os atributos dos agregados (mulheres bonitas, jovens “sarados”, profissionais respeitados, etc.).

As atuais redes sociais online são uma acumulação [*congeries*] de vínculos majoritariamente fracos – ninguém que liste milhares de “amigos” no MySpace pensa nessas pessoas da mesma forma que pensa em seus parentes distantes, por exemplo. Certamente não é coincidência, então, que as atividades que os sites de redes sociais promovem são justamente aquelas que os vínculos fracos fomentam, como rumores, boatos, mexericos, busca de pessoas e a trilha dos efêmeros movimentos da cultura popular [no sentido da cultura de massa] e das modas passageiras. (ROSEN, 2007, p. 20)

Christine Rosen (2007) compara esse exibicionismo virtual ao narcisismo que durante alguns séculos motivou encomendas de quadros pintados a óleo por nobres e outros estratos das classes dominantes, e também auto-retratos, que para ela são especialmente instrutivos. “Ao mostrar o artista tanto como ele se vê de verdade quanto como ele gostaria de ser visto, os auto-retratos podem, de uma só vez, expor e obscurecer,

¹⁴ Dados até agosto de 2007. Ver infográfico publicado pelo Le Monde (14/01/2008): *Réseaux sociaux: des audiences différentes selon les continents*. Disponível em: <http://www.lemonde.fr/web/infog/0,47-0@2-651865,54-999097@51-999297,0.html>

¹⁵ O culto a celebridades como uma espécie de identidade narcísica, que já vinha sendo exacerbado pela mídia de massa tradicional, foi adotado como chamariz pela Microsoft em seu “site de rede social”, lançado no final de 2007 com o nome de Wallop¹⁵ apresentado como “o lugar exclusivo onde você se conecta com seus amigos reais e *expande* os seus relacionamentos” (grifo meu). No My Space, um espaço reservado para “Quem gostaria de encontrar”, é preenchido com imagens de celebridades na maioria dos perfis, segundo Rosen (2007, p.18).



clarificar e distorcer. (...) Eles podem exibir egoísmo e modéstia, auto-engrandecimento e auto-depreciação” (ROSEN, 2007, p.15).

Em websites de redes sociais como MySpace e Facebook, nossos modernos auto-retratos apresentam fundo musical, fotografias cuidadosamente manipuladas, torrentes de meditações e listas dos nossos amigos e passatempos preferidos. Eles são interativos, convidando os observadores não meramente a olhar, mas também responder ao retrato da vida online. Nós o criamos para encontrar amizades, amor e essa ambígua coisa moderna chamada conexão. Como pintores constantemente retocando seu trabalho, alteramos, atualizamos e reprogramamos [*tweak*¹⁶] nossos auto-retratos; mas como objetos digitais eles são muito mais efêmeros do que óleo sobre tela. (...) é o eterno desejo humano de atenção que emerge como o tema dominante dessas vastas galerias virtuais. (ROSEN, 2007, p.15).

Danah Boyd (2007a) problematiza um outro aspecto dos perfis: pelo fato de serem construídos a partir de um formulário estruturado pelos administradores do site, eles não expressam os múltiplos papéis que cada indivíduo desempenha em diferentes contextos da vida cotidiana. Além disso, a associação aos perfis de outrem sobre o quais não se tem controle pode levar a interpretações equivocadas ou ambíguas. Ela cita o caso de uma professora que foi interpelada por uma de suas alunas adolescentes por ser supostamente usuária de drogas, em função da apologia ao consumo feita por um de seus amigos. Ou seja, há diversos atributos implícitos nos perfis “conectados” a uma página via hiperlink que representam um problema para a análise de redes sociais e para os estudos etnográficos das relações virtuais.

Redes sociopolíticas do “mundo real”

Ao contrário da visibilidade exacerbada que caracteriza os sites de redes sociais, a Internet é apenas uma das faces de uma extensa rede invisível que caracteriza as articulações sociopolíticas no Brasil. Entidades diretamente envolvidas com as questões ambientais e os problemas do desenvolvimento social foram pioneiras na utilização da rede eletrônica para articulação das suas redes sociais, a partir da Conferência da ONU sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento (ECO-92). De lá pra cá, as redes de ONGs e movimentos sociais não só se multiplicaram pelo país, como ampliaram o leque

¹⁶ *Tweak* é um termo sem tradução para o português que designa um processo de fazer súbitas variações no ambiente computacional a fim de produzir comportamentos não previstos pelo designer ou pelo desenvolvedor de software. Segundo o glossário online Whatis?com (<http://whatis.techtarget.com/>), a expressão *tweak freak* (ou *tweaker*) refere-se às pessoas obsessivas por alterar configurações de hardware e/ou software, algumas vezes com o objetivo de aumentar o desempenho do sistema acima das normas. Mas muitos aderiram a essa atividade porque pode ser interessante, engraçado e propiciar uma experiência de aprendizagem, apesar dos riscos de estragos e frustração.



temático no qual atuam e a escala de esferas nas quais buscam intervir – dos conselhos municipais aos fóruns internacionais.

O sites dessas entidades revelam dois “padrões” de articulações: as **redes interorganizacionais**, nas quais todos os participantes atuam apenas institucionalmente, por delegação ou representação do projeto político da entidade à qual estão profissionalmente vinculados; e as **redes sociais plurais**, que se bifurcam pelos interesses das suas ações: as formadas por indivíduos e atores sociais diversos (ativistas de movimentos, líderes comunitários, pesquisadores, advogados, representantes de ONGs, de governos, de empresas, etc) que cooperam para a promoção ou defesa dos direitos de outrem (*advocacy*); e as formadas majoritariamente por indivíduos e atores que são “partes interessadas” (*stakeholders*) ou beneficiadas nos processos do quais participam colaborativamente (como produtores, comerciantes e consumidores empenhados no desenvolvimento de uma economia solidária ou de comércio justo).

O desafio dessas configurações para a análise de redes sociais está na distinção entre o indivíduo, o sujeito e o ator, já que uma pessoa pode participar de diferentes redes representando a mesma organização ou ocupando papéis e funções diferentes em cada uma delas; ou a mesma organização pode participar de várias redes simultaneamente, representada por pessoas diferentes. Diferentemente das redes sociais de indivíduos, construídas a partir de referenciais egocentrados, as redes de ONGs e movimentos sociais são formas organizativas fomentadas por pessoas que articulam entidades da sociedade civil em torno de idéias, interesses, necessidades e/ou objetivos (estratégicos e táticos) comuns. A condição em que cada indivíduo participa de uma articulação (representando um projeto institucional, agindo com autonomia no interesse de outrem ou em seu próprio interesse) certamente influi qualitativamente na dinâmica da rede.

No caso da “representação coletiva”, a escolha obedece a uma racionalidade relativa ao conhecimento e à experiência de cada indivíduo em relação aos temas em pauta e às arenas políticas na qual se dão os enfrentamentos das instâncias de poder. Nas redes sociopolíticas, a capacidade de construção de consensos à distância, por meio de utilização das TICs (sobretudo listas de discussão), e as estratégias discursivas nos processos de mobilização e interação são também sintomas importantes para a dinâmica de desenvolvimento da rede. Para verificar a densidade e a dinâmica de enredamento das ONGs e movimentos sociais brasileiros em torno de determinadas questões sociopolíticas seria necessário inventariar todas as afiliações das redes com temáticas afins e mapear seus vínculos entrecruzados, que aparecem nas listas de “filiadas”



disponíveis nos sites. Uma observação informal a esse respeito, indica que algumas entidades têm atuação inter-redes mais intensa do que outras em certas áreas de interesse para o seu projeto político, não obrigatoriamente centradas em um tema. Nesse tipo de análise importaria observar: os papéis exercidos pelos participantes nas interações e no fluxo de informações; a qualidade dos vínculos estabelecidos entre os participantes, os graus de participação, a democratização dos processos decisórios e os conteúdos mobilizadores que circulam pela rede.

Considerações finais

O ambiente comunicacional e informacional da Internet vem propiciando a emergência de múltiplas formas de relações interpessoais e interorganizacionais que representam um desafio às tradicionais metodologias de análise de redes, pelos novos dados de atributo e dados relacionais que daí emergem. Orientada originalmente pelas sociabilidades observáveis na vida cotidiana, a partir de papéis, funções e estruturas objetiváveis, a ARS encontra no mundo virtual situações para as quais seus referenciais teóricos e metodológicos não possuem força descritiva nem explicativa suficiente.

Neste contexto, os estudos antropológicos de base etnográfica têm se mostrado mais promissores por permitirem observar as trajetórias e os “conjuntos de ações” dos sujeitos e agentes no mundo virtual de um ponto de vista qualitativo e dinâmico, e não meramente quantitativo, estrutural e funcionalista. Permitem, assim, acompanhar os processos de “enredamento” e de construção de percepções e comportamentos na relação social em rede. Cabe aos pesquisadores da área de Comunicação extrair dessa emergente bibliografia os aspectos relativos aos fluxos de informações e às formações discursivas geradas pelas relações transfronteiras entre o mundo real e o virtual.

Referências bibliográficas

AGUIAR, Sonia. Formas de organização e enredamento para ações sociopolíticas. **Informação & Informação**, Universidade Estadual de Londrina, Vol. 12, Edição especial, 2007. Disponível em: <http://www2.uel.br/revistas/informacao/viewissue.php?id=39>. Acesso em: 08/01/2008.

_____. **Redes sociais e tecnologias digitais de informação e comunicação no Brasil (1996-2006)**. Relatório de pesquisa. Rio de Janeiro: Nupef, 2006. Disponível em: http://www.nupef.org.br/pub_redessociais.htm. Acesso em: 18/02/2008

_____. **Produção compartilhada e socialização do conhecimento em rede**: uma abordagem exploratória. II Seminário Nacional do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFF – Produção do Conhecimento e Educação: História, Utopias. Niterói: UFF, 2002. Disponível em: http://www.rits.org.br/redes_teste/rd_tmes_mar2006.cfm. Acesso em 31/07/2007.



BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

BOYD, Danah. None of this is real: identity and participation in Friendster. In: KARAGANIS, Joe (ed.). **Structures of Participation in Digital Culture**. New York: Social Science Research Council, 2007(a). p. 132-157. Disponível em:
<http://www.ssrc.org/blogs/books/2007/12/31/structures-of-participation-in-digital-culture/>

BOYD, Danah. The significance of social software. In: BURG, Thomas N.; SCHMIDT, Jan (eds.). **BlogTalks reloaded: social software research & cases**. Norderstedt (USA), Books on Demand, 2007(b). pp. 15-30. Disponível em:
<http://www.danah.org/papers/BlogTalksReloaded.pdf>

BOYD, Danah; ELLISON, N. B.. Social network sites: definition, history, and scholarship. **Journal of Computer-Mediated Communication**, 13 (1), article 11, 2007. Disponível em:
<http://jcmc.indiana.edu/vol13/issue1/boyd.ellison.html>

GRANOVETTER, Mark. The strength of weak ties: a network theory revisited. **Sociological Theory**, v.1, 1983, p.201-233. Disponível em:
http://www.si.umich.edu/~rfrost/courses/SI110/readings/In_Out_and_Beyond/Granovetter.pdf

LÓPEZ MARTÍNEZ, Sergio. Internet como medio y objeto de estudio en antropología. **Antropologia e Internet**, ago/2000. Disponível em:
<http://www.plazamayor.net/antropologia/archtm/internet/index.html>

RECUERO, Raquel. **Considerações sobre a difusão de informações em redes sociais na Internet**. VIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação da Região Sul. Passo Fundo (RS): Intercom, 2007. Disponível em:
<http://200.204.77.119/multevento/intercom/2007/sul/cdrom/cd/resumos/R0464-1.pdf>

ROSEN, Christine. (2007). **Virtual friendship and the new narcissism**. Washington, D.C.: *New Atlantis*, Summer, 2007. Disponível em:
<http://www.thenewatlantis.com/archive/17/TNA17-Rosenn.pdf>

SOUZA, Queila; QUANDT, Carlos; Metodologia de análise de redes sociais. In: DUARTE, F.; QUANDT, C.; SOUZA, Q. (orgs.). **O tempo das redes**. São Paulo: Perspectiva, 2008. p.31-63.

TÉLLEZ FERNÁNDEZ, Anastasia. **Nuevas etnografías y ciberespacio**: reformulaciones metodológicas. *Cultura & Política @ Ciberespacio*. 1er Congreso Online del Observatorio para la CiberSociedad, 2002. Disponível em:
<http://www.cibersociedad.net/congreso/comms/c10tellez.htm>

VILLASANTE, Tomás R.; GUTIÉRREZ, Pedro M. Redes y conjuntos de acción: para aplicaciones estratégicas en los tiempos de la complejidad social. *REDES - Revista hispana para el análisis de redes sociales*, Barcelona, v.11, n.2, dic. 2006. Disponível em: http://revista-redes.rediris.es/pdfvol11/Vol11_2.pdf. Acesso em 01 jun.2007.

WATTS, Duncan. **Six degrees of interconnection**. Relationship space: meet your network neighbors. *Wired*, 11.06, jun/2003. Disponível em:
http://www.wired.com/wired/archive/11.06/relation_spc.html

WHITAKER, F. **Rede, uma estrutura alternativa de organização**. *Revista Mutações Sociais*, v.2, n.3, p.1-7, mar./mai. 1993. Disponível em:
http://www.rits.org.br/redes/rd_estrutalternativa.cfm